

Antígona na escola. Personagens femininas da antiguidade no teatro didático de Ana Cristina Oliveira

Antigone at school. Female characters from antiquity in Ana Cristina Oliveira's didactic theatre

Adriana F. Nogueira

Universidade do Algarve/ CECH (UC)/ CIAC (UALg)

anogueir@ualg.pt/ anogueir@gmail.com

ORCID: 0000-0002-5709-6870

Palavras-chave: *Antígona*, teatro escolar, Ana Cristina Oliveira, Tapete Mágico, Recepção da Antiguidade, mulheres na Antiguidade.

Keywords: *Antigone*, school theater, Ana Cristina Oliveira, Tapete Mágico, Classical Reception, Women in Antiquity.

1. Introdução

1.1. O teatro e a filosofia

Ana Cristina Oliveira¹ será uma desconhecida para a maioria das pessoas. No entanto, o projeto que tem vindo a desenvolver com os seus alunos, há quase 30 anos, no grupo de teatro escolar Tapete Mágico, recebeu recentemente maior visibilidade, devido à peça jornalística apresentada na RTP, no programa “Outras

¹ Ana Cristina Nabais de Oliveira nasceu em Lisboa em 1963. Licenciou-se em Filosofia na Universidade Nova de Lisboa, em 1987. Em 2004, recebeu o grau de Mestre em Educação Artística – Variante Teatro e Educação, pela Universidade do Algarve. Empenhada no associativismo, em 1995 foi sócia fundadora da Ideias do Levante – Associação Cultural de Lagoa, cuja direção assumiu entre 1999 e 2001. Em 2010, fundou, com António Gambóias, o grupo de teatro Dois-MaisUm, para o qual já assinou diversas encenações. Desde 2020, é Presidente da Direção da Associação Cultural Música XXI (Faro), que organiza, entre outras atividades, o Festival Internacional de Órgão do Algarve. No âmbito do apoio editorial e criação dramatúrgica, colaborou, durante sete anos, com a ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve (companhia profissional, dirigida por Luís Vicente). Ana C. Oliveira tem várias formações em teatro e dança e, para além da sua dissertação de mestrado, é autora de muitos outros trabalhos, dos quais destaco os livros *Meio Século de Teatro no Algarve*, *Segredos do Levante* e *15 anos a voar nas emoções*.

Histórias”,² ultrapassando, assim, as fronteiras locais (Agrupamento de Escolas Pinheiro e Rosa, em Faro) e da sua região, o Algarve.

Há muitos anos que Ana C. Oliveira reflete sobre o seu processo de ensino da disciplina de Filosofia através do teatro. Em 2004, escreveu uma dissertação de mestrado intitulada *Construção de uma didáctica da Filosofia mediante uma estética teatral: uma estratégia com vista à Educação para a Cidadania*. O estudo veio na sequência da sua experiência com o Tapete Mágico, que criou no ano letivo 1995-1996, mas o seu interesse por teatro e educação não parou por aí: entre 2007 e 2013, dirigiu os Cursos Profissionais de Artes do Espetáculo da Escola Secundária Pinheiro e Rosa, onde lecionou as disciplinas técnicas de Interpretação, Movimento e Dramaturgia. E o Tapete Mágico continua até hoje, tendo, neste contexto, Ana C. Oliveira escrito e encenado mais de 50 trabalhos.

A atividade desenvolvida, iniciada nas aulas de Filosofia, mas continuada nos diversos grupos de teatro, fundamenta-se na sua convicção de que “tanto a Expressão Dramática, como a Filosofia, são disciplinas e campos de saber que, na sua essência, formam o indivíduo para a cidadania” (Oliveira, 2004, p. 30). A educação para a cidadania continuou a ser o ponto de partida, como a própria afirma:

Todas as produções foram suportadas por uma intenção pedagógica e de educação para a cidadania, tendo os textos sido criados em concomitância com os programas curriculares de disciplinas tão variadas como a Matemática (*Flatland*), a Física (*Galileu e os Tombos que a Terra Deu*), a Filosofia (*A Hora do Bug*) a Antropologia (*A Menina da Lua Nova*) ou a História (*Auto da Muy Formosa Madalena*). (Oliveira, 2011, p. 9)

Apesar de os programas de Filosofia para o Ensino Secundário terem vindo a ser alterados ao longo do tempo,³ de acordo com tendências de abordagem que retratam a sua época, as questões que dizem respeito ao ser humano e aos valores têm permanecido no seu escopo, o que vai possibilitando aos docentes continuarem a escolher personagens da antiguidade para a discussão destes tópicos, como é o caso de Ana C. Oliveira. Numa entrevista⁴ que lhe fiz a 2 de abril de 2024, confessa que, quando começou no teatro para adolescentes,⁵ foi com o intuito de ensinar filosofia de uma forma diferente. Desde cedo apaixonada pelos clássicos, uma das temáticas que mais a seduzia no programa de Filosofia dos anos 90 do séc. XX (nos inícios da sua prática docente), chamava-se “Do Mito ao

² No programa “Outras Histórias”, Episódio 10, de 17 julho de 2024: https://www.rtp.pt/play/p12821/e783785/outras-historias?fbclid=IwY2xjawEn6eZleHRuA2FlbQlXMQABHeZzPOLUhz7eVMJrKJ3WTFNAOHm142bN32ETAqj0Je1xdu4_VOcrOhJjsw_aem_S4dIsLyUB9jnChmT4WwMxA

³ Destaco a tese de doutoramento de Luísa Nogueira, de 2008, apresentada à Universidade de Lisboa, para a primeira metade do século XX, mais concretamente da “primeira Reforma do Ensino Secundário em 1905 e a última Reforma do Ensino Lical do Estado Novo, em 1947/48” (do Resumo); destaco ainda o relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Filosofia, de Tatiana Tato Lima (Universidade do Porto, 2021), onde se apresenta um estudo comparativo dos programas de filosofia ao longo das várias reformas.

⁴ Sempre que não houver indicação em contrário, as citações de Ana C. Oliveira são desta entrevista.

⁵ Pessoas entre os 10 e os 19 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1

Logos”. Foi a meio dessa época que fundou o grupo Tapete Mágico, que se tornou num espaço de criação, onde Ana C. Oliveira encena peças escritas por si, com a colaboração dos alunos,⁶ ou adapta obras existentes. Os participantes são todos voluntários, que se inscrevem anualmente e podem permanecer enquanto estiverem no ensino obrigatório, inclusive vindos de outras escolas. Houve alturas em que ainda pensou que outros adultos pudessem integrar aquele coletivo, para além de si própria e de António Gambóias (os dois adultos e professores, atualmente ambos coordenadores do grupo),⁷ mas tem sido renitente a aceitar essa participação, visto o Tapete Mágico ser, essencialmente, um clube de crianças e adolescentes, onde a presença de funcionários, professores ou até pais (que os houve a querer entrar) poderia ser um entrave, criando constrangimentos e dificultando que os alunos considerassem aquele um espaço para se manifestarem abertamente sobre as várias questões que os afligem. Os jovens sentem que aquele é um espaço de libertação, protegido, onde podem falar do que querem e o que é ali falado, ali permanece.

No âmbito da temática “Do Mito ao Logos”, lecionava-se os filósofos pré-socráticos, como Tales de Mileto, Anaximandro, Empédocles. Quando um dia Ana C. Oliveira perguntou aos alunos que temas gostariam de tratar e eles responderam “o problema da droga”, diz que ficou a pensar como poderia trabalhar esta temática. “Então lembrei-me” – conta – “das permanentes lutas que existem dentro de nós, que podem ser provocadas por nós próprios, mas pensei, dramaticamente, porque não pôr o Amor e a Discórdia a lutarem pela vida de um jovem? Era um casal jovem, que às vezes estava muito bem, na vez seguinte já estava a discutir, porque os opostos estavam em luta permanente”. Diz Ana C. Oliveira: “Tive, assim, uma visão de Empédocles e das lutas do amor e da discórdia, e foi aí que comecei a minha investida nesta aventura do teatro, com uma peça chamada *Andanças e Errâncias do Amor e da Discórdia*, em que toda a ação humana era fruto da guerra entre estas duas forças opostas, o amor e a discórdia”. Ana C. Oliveira ia escrevendo, a partir do tema inicial que os alunos tinham proposto, e os jovens iam apreciando e dando a sua opinião.

⁶ Em 2021, na peça *Passageiros do Tempo*, este diálogo revela a prática de criação conjunta:

Joana – Olhem, desculpem lá, mas isto já não está a fazer sentido.

Rita – O que é que não está a fazer sentido?

Joana – Isto. Este texto, isto está uma autêntica trapalhada.

Alexandra – Tu é que tens de procurar o sentido fora dos clássicos.

Joana – Os clássicos têm tudo!

Jorge – Tudo morto...

Maria – Já parece uma aula de Filosofia!

Rita – Mas quem é que teve a brilhante ideia de sermos nós a fazer o texto?! (...)

Rita – Mas como é que se sai daqui? Quem é que continua o texto?

Alexandra – Não contem comigo!

Edgar – Não te esqueças que fomos nós que exigimos escrever o texto.

⁷ António Gambóias, licenciado em Filosofia (disciplina que também lecionou), além de ator e encenador, atualmente é professor da disciplina de Teatro, um opção curricular que a Escola Secundária Pinheiro e Rosa oferece ao 12.º ano.

Depois, quando o programa de Filosofia mudou e esses conteúdos explicitamente ligados à antiguidade desapareceram, Ana C. Oliveira afirma que, sempre que tem oportunidade, os inclui nas aulas, cingindo-se, no entanto, a três obras: *A República*, de Platão; *Rei Édipo* e *Antígona*, de Sófocles. Especialmente quando a matéria incide sobre o determinismo e o livre-arbítrio, a história do Édipo aparece como exemplo de alguém que foi um joguete de um destino que não terá podido escolher; quando trata a Ética e as razões que podemos dar para as prioridades que escolhemos para a nossa vida, escolhe a *Antígona*. Diz: “Falo sempre na história da Antígona, porque, aliás, é um conflito que talvez nunca possa ser resolvido. Mesmo em Direito se fala da Antígona, e eu chamo a atenção para aquilo que lá está inserido naquela tragédia belíssima, que é o conflito entre a tradição e as leis criadas pelos homens”.

2. Antígonas e outras mulheres

Uma das questões que levantei para este trabalho foi a de analisar de que modo personagens da antiguidade, como Antígona – mas não só –, fazem sentido para os adolescentes e podem servir como ponto de partida para reflexões sobre a sua realidade, assim como sensibilizar para o mundo que nos rodeia.

A primeira vez em que aquela personagem surgiu no Tapete Mágico foi em 2003, em *Do trágico e do sublime*, texto onde reuniu as peças *Os amores de D. Perlimplim com Belisa em seu jardim*, de Federico Garcia Lorca, com várias versões da tragédia grega homónima.⁸

No programa do espetáculo,⁹ Ana C. Oliveira escreve uma “Nota introdutória” que reflete o propósito da escolha destes textos:

A vida é feita de cruzamentos, labirintos de sentidos, de emoções. É feita de escolhas, decisões. É perante o confronto catártico de duas obras maiores da dramaturgia universal, *Os amores de D. Perlimplim com Belisa em seu jardim*, de Lorca e da tragédia *Antígona*, de Sófocles que se pretende apelar para o livre-arbítrio do ser humano, enquanto personagem que se distingue da tragédia, porque criador do seu próprio destino.

Neste espectáculo cruzam-se dois textos que abordam a ética numa perspetiva muito particular e que, tal como na vida, se cruzam aqui ou ali, fazendo, ou não, os sentidos que cada um tem necessidade de dar. A partir dos exemplos de Antígona e de Perlimplim apontados no espectáculo, assim cada um escolha o seu.

Em 2004, Ana C. Oliveira produziu um espetáculo que apresentou fora da escola,¹⁰ com base no texto de Eduarda Dionísio *Antes que a Noite Venha*, monólogos poéticos para quatro mulheres – Julieta, Antígona, Inês de Castro e Medeia –, aproveitando o facto de, naquele ano, não ter havido rapazes a inscreverem-se

⁸ *Antígona*, de Sófocles; *Antigone*, de Jean Anouilh (1944); *Perdição. Exercício sobre Antígona*, de Hélia Correia (1991).

⁹ Texto enviado pela autora por correio eletrónico.

¹⁰ No Teatro Lethes: <https://teatrolethes.com/about/>

no grupo de teatro. Três alunas fizeram as três primeiras personagens, tendo sido a professora a representar a princesa da Cólquida. Na entrevista, Ana C. Oliveira revela que decidiu não dar este papel a nenhuma das jovens: “Só entrei no *Antes que a Noite venha*, da Eduarda Dionísio, em que fazia de Medeia, por uma razão muito simples: porque eu achava que o papel de Medeia era tão odioso que não tive coragem de o dar a ninguém (...) foi um pouco para me punir, por ter escolhido aquele texto: eu fico com a Medeia, porque não vou dar isto a uma adolescente”. Por isso, a Medeia não é uma personagem (nem este texto específico) que costuma trabalhar, porque “É um texto demasiado doloroso e, eles, apesar de serem adolescentes e estarem a crescer, não entendem o que aquela dor pode originar”.

Nesse mesmo ano, Ana C. Oliveira encenou mais duas Antígonas: uma, enquanto docente de um curso de formação de atores, onde os doze formandos criaram soluções dramatúrgicas para a tragédia de Antígona, a que chamou *Fragmentos de Antígona*; outra, uma *Antígona*, com a ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve, encenada por Luís Vicente,¹¹ para a qual Ana C. Oliveira fez a dramaturgia e entrou como atriz, no papel de Jocasta.¹²

2.1. O Curso Profissional de Artes do Espetáculo e Interpretação da Escola Secundária Pinheiro e Rosa

Em maio de 2009, Ana C. Oliveira escreveu *De que falamos quando falamos de Amor? – Exercício dramatúrgico*,¹³ onde encenou “encontros trágicos de casais que ficaram na história por terem tido uma história de amor que acabou mal”. As cenas são alternadas com sete interlúdios em que Sócrates e Diótima vão falando de amor, tendo por base *O Banquete*, de Platão. As primeiras três cenas dizem respeito a pares da antiguidade e o “3.º Interlúdio”, o único interpretado por um Coro, marca o início de outros pares famosos.¹⁴

2.1.1. Cena I – Cassandra e Corifeu

A primeira história não remete para um par, mas para um trio: Cassandra, Agamémnon e Apolo. Cassandra surge num diálogo com o Corifeu, baseado na tragédia *Agamémnon*, de Ésquilo. A frase com que termina o *sketch* resume aquilo

¹¹ Ator, encenador, diretor artístico da ACTA. Para percurso na Televisão e Cinema, cf. <https://www.imdb.com/name/nm0895912/>. Ver mais em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Vicente.

¹² Esta peça teve uma apresentação dirigida aos participantes do IV Colóquio da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, *Otium et Negotium: As Antíteses na Antiguidade*, realizado na Universidade do Algarve, de 6 a 9 de outubro de 2004. Como se trata de uma companhia profissional, não entra no espectro deste trabalho.

¹³ Apresentado na escola, a 26 de junho de 2009. O título replica o do livro de contos de Raymond Carver, de 1981, *De Que Falamos Quando Falamos de Amor (What We Talk About When We Talk About Love)*. O acrescento do ponto de interrogação indicia a perspetiva filosófica da pergunta constante.

¹⁴ A saber: Lear e Cordélia; Romeu e Julieta; Hamlet e Ofélia; Salomé e João Baptista. Não tratarei delas, por saírem do escopo deste trabalho.

a que os alunos e a professora deram destaque: a fragilidade da vida e a incerteza da felicidade. Diz o corifeu¹⁵: “Ah... o destino humano! A felicidade é apenas um ligeiro esboço. Vem a desgraça e basta passar com uma esponja húmida para lhe apagar os traços. É essa fragilidade que eu lamento”.¹⁶

O amor apresentado poderá não ser, de facto amor: para Agamémnon, Cassandra é uma escrava, um despojo de guerra; para o deus Apolo, uma sacerdotisa que lhe resistiu e mereceu ser castigada.

Poderíamos ver aqui um exemplo de amores doentios, tóxicos e, mesmo, agressivos, uma realidade que se tem vindo a agravar entre os mais jovens. A banalização da violência no namoro leva a que haja vítimas que desconsideram a agressividade dos seguintes comportamentos: “controlo”, “violência psicológica”, “perseguição”, “violência sexual”, “violência através das redes sociais” e “violência física”, segundo dados do Estudo Nacional sobre Violência no Namoro da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta, ONG), *Violência no Namoro em Portugal: Vitimação e Conceções Juvenis – 2024* (financiado pela Secretaria de Estado para a Igualdade e Migrações), no qual participaram jovens do 7º ano ao 12º ano de escolaridade. Do total da amostra (n=4188), entre os que “indicaram já ter tido ou ter uma relação de namoro (n=3932), 63% (n=2477) reportou ter experienciado, pelo menos, um dos indicadores de vitimação questionados” (os comportamentos acima indicados). Perante os dados, este é, sem dúvida, um tema a ser abordado.

2.1.2. “Cena II – Antígona e Hémon”

O par seguinte é constituído por Antígona e Hémon. A tónica centrou-se no amor adiado e na falta de comunicação, quer da parte dos adultos, quer do próprio casal: “Mas vejo que comigo não conta ninguém. Começou o meu pai por não contar comigo ao condenar-te, Antígona, e nem sequer tu própria, quando te decidiste a tudo, e tão pouco agora”,¹⁷ lamenta Hémon, nas palavras de María Zambrano, em *La Tumba de Antígona*. Na versão desta autora, os irmãos mortos, Etéocles e Polínicos, mantêm as divergências relativamente à herança de Édipo e pretendem impor regras ao casamento da irmã. Antígona relembra-lhes que a história do pai terminou: “Essa história acabou. Pelo menos essa sim”, ainda que na adaptação de Ana C. Oliveira esta frase surja como resposta a Hémon, quando este afirma: “Eles são só mortos que voltam para levar-te para junto dos mortos”.

O amor adiado entre os jovens é necessário para atingir objetivos ainda não cumpridos. Como escreve Marifé Santiago Bolaños, na “Introducción – *La tumba de Antígona*, alegato contra la barbarie” à edição de Zambrano:

¹⁵ Esta frase, na peça de Ésquilo, é dita por Cassandra, nos vv. 1327-1330: “Ó condição humana! A felicidade, uma simples sombra basta para a alterar; quando se é infeliz, uma esponja húmida destrói de um golpe a pintura. E das duas mudanças esta última é a que me parece mais para lamentar”. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério.

¹⁶ As citações das peças aqui referidas são das versões que a autora me facultou, via correio eletrónico.

¹⁷ A versão portuguesa usada por Ana C. Oliveira foi cedida por Maria João Neves (professora universitária e investigadora do CESEM - Universidade Nova de Lisboa), que traduziu a peça para a ACTA.

También es posible rastrear en la biografía de María Zambrano este hecho, escrito sobre su propia piel de vencida en una contienda donde estaba en juego la democracia frente al totalitarismo, convirtiéndose la Guerra Civil española en un siniestro ensayo de la II Guerra Mundial, en la que se alcanzarían territorios de maldad inimaginables millones de seres humanos [...]. [R]econocemos a la ciudadana María Zambrano que, como Antígona, no se cansó de luchar contra la barbárie” (pp. 8-9).

Na sua versão, Ana C. Oliveira funde, nos seus dois protagonistas, falas de diversos intervenientes em momentos diferentes da peça de Zambrano (Hémon, Antígona, Desconhecido Segundo), de modo a deixar uma nota de esperança:

Hémon – Antígona, vem, ainda há tempo. Iremos ouvir-te mais claramente de longe, ainda que estejas submersa noutros assuntos. E essas palavras, que se aglomeram agora na tua garganta, sairão sem que o notes. Vem, vamos!

Antígona – Ah, sim, onde? Amor, amor, terra prometida.

2.1.3. “Cena III – Orestes e Electra”

O par seguinte representa o amor fraterno. Partindo do texto de Ésquilo, das *Coéforas*, Ana C. Oliveira reduz a peça ao que considerou essencial, sem outras intervenções além dos dois irmãos: Orestes reconhece a irmã, entre um cortejo fúnebre (adaptação do Prólogo). Electra, tal como no “1.º Episódio”, interroga-se sobre o que dizer e fazer sobre o túmulo do pai, invoca Hermes para que faça Orestes retornar. Orestes mostra-lhe os sinais de reconhecimento:

Electra – Como posso eu saber que tu, que assim falas, és Orestes?

Orestes – Olha para a madeixa e aproxima-a deste sítio de onde foi cortada. Esse cabelo que é tão parecido com o teu... Olha este vestido, obra das tuas mãos. Repara nas figuras de animais que o batente do teu tear lá desenhou. (Electra abraça-o) Contém-te. Não te deixes transportar de alegria.

No entanto, são aqui referidos sentimentos contrários pelos pais: ódio à mãe, que provocou sofrimentos aos filhos; amor ao pai, assassinado pela mulher, que os dois filhos pretendem vingar, com a morte:

Orestes – Não me há de atraiçoar o oráculo onipotente de Apolo! Foi ele que me ordenou que vingasse com mortais castigos os culpados da morte de nosso pai! Mas ainda que não acreditasse a vingança teria de executar-se.

Electra – Que o ultraje seja pago com o ultraje. Seja a morte paga com a morte. A todo o culpado a expiação.

Poder-se-ia, a propósito, discutir o conceito a que Carl G. Jung chamou de “complexo de Eletra”, como resposta ao “complexo de Édipo” cunhado por S. Freud, para a análise psicanalítica de uma fase do desenvolvimento sexual da criança. Jung considerou que o termo “complexo de Édipo” não servia, visto que o ciúme pode ter um papel importante no relacionamento, não necessariamente de âmbito sexual, pois, no caso das raparigas,

the typical affection for the father develops, with a correspondingly jealous attitude toward the mother. We call this complex, the Electra-complex. As everybody knows, Electra took revenge on her mother for the murder of her husband, because that mother had robbed her of her father. Both phantasy-complexes develop with growing age, and reach a new stage after puberty, when the emancipation from the parents is more or less attained. (Jung, 1915, p. 69)

Um desenvolvimento saudável pressupõe que, na adolescência, os jovens tenham estas questões resolvidas. Assim, o trabalho sobre este excerto a que os alunos tiveram acesso (pressupondo que não leram a peça de Ésquilo, na sua complexidade, mas que foi contextualizado) poderia facilitar uma reflexão que ultrapassasse os tipos de amor, como recordado pelo “2.º Interlúdio” que antecedeu a cena, no qual Diotima alerta Sócrates:

Não teimes então em chamar feio ao que não é belo nem mau ao que não é bom; e o mesmo com respeito ao Amor: lá por teres livremente aceite que não possui beleza nem bondade, não julgues que deva ser feio ou mau. É apenas um intermediário entre ambos.¹⁸

Em dezembro de 2009, apresentou a dramaturgia para aquela que diz ter sido a sua *Antígona* preferida, para este curso. Como a disciplina de Interpretação tinha uma carga horária de 10h semanais, Ana C. Oliveira conseguiu trabalhar os textos com mais profundidade do que o tempo atribuído ao Tapete Mágico (2h semanais) lhe permitia, ou mesmo nas aulas (onde estas tragédias nem sequer tinham lugar). Para preparar essa peça, começou por dar a ler aos alunos Antígonas de vários autores: Sófocles, António Sérgio,¹⁹ Jean Anouilh, Hélia Correia e Eduarda Dionísio.²⁰ Depois, em conjunto, fizeram uma dramaturgia, tendo em consideração o grande número de alunos e construíram um texto que cruzava as várias peças estudadas.

Em dezembro de 2012, como um dos trabalhos finais dos alunos deste curso, foi apresentada a peça *Almas em Cinzas*, uma recriação de *As Troianas*, de Eurípides, com a ação localizada nos anos do fascismo em Portugal. Ao contrário da tragédia de Eurípides, que termina com Hécuba e o Coro a lamentarem a extinção de Troia,²¹ no final desta peça ressalta uma nota de esperança: mesmo destruindo as nossas aldeias – e as nossas pessoas –, diz Hécuba (isto é, a per-

¹⁸ “Não teimes, portanto, em chamar feio ao que não é belo e vil ao que não é bom. O caso, precisamente, do Amor: lá por assentires espontaneamente que ele não possui beleza nem virtude, nada te obriga a pensar que ele seja feio ou vil: é apenas uma espécie de intermediário entre ambas as coisas”. Pl. *Symp.* 202b.

¹⁹ Autor que, sobre Antígona, publicou duas peças: *Antígona: Drama em três atos* (1926) e *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações: Jornada Sexta* (1953). Duas outras ficaram por publicar. Para mais, cf. Morais, 2020.

²⁰ *Antes que a Noite Venha* (1992).

²¹ “Hécuba – Poeira como fumo alado que sobe ao céu, tornará invisível o meu lar. Coro – O nome desta terra desaparecerá. Em toda a parte, aqui como ali, tudo se foi, e já não existe Troia desventurada.” (Eur. *Tro.*, 1320-4).

sonagem Maria da Luz): “Nada consegue matar a alma de uma mulher. Elas hão de voltar e erguerão esta aldeia pedra sobre pedra!”²²

Este curso profissional teve duas edições, cada uma de três anos (dois cursos contíguos de Artes do Espetáculo – Interpretação), o que permitiu a Ana C. Oliveira fazer aquilo a que chamou de “teatro clássico puro”. Com 200h curriculares anuais (num total de 530 nos três anos de duração), pôde ler e explorar com os alunos textos e temáticas de um modo mais aprofundado.

Em 2021, a celebrar os seus 25 anos em plena pandemia, o Tapete Mágico apresentou a peça *Passageiros do Sonho – Exercício dramaturgico sobre o poder*, com autoria e encenação de Ana C. Oliveira e António Gamboias, na qual é proposto um final alternativo para Antígona e Creonte. A cena é apresentada pelos Cicerones 1 e 2, que funcionam também como um Coro:

Cicerone 2 – Antígona é aquela rapariga magra que está ali sentada, lá ao fundo, e que não diz nada. [...] Pensa que vai morrer, que é nova e que bem gostaria de viver. [...] Chama-se Antígona e é preciso que desempenhe bem o seu papel até ao fim...

Cicerone 1 – E desde que chegámos, sente que se afasta a uma velocidade vertiginosa do sonho de ser só uma rapariga que conversa e ri com um rapaz.

Cicerone 2 – Sentiu que se afasta de todos nós que a olhamos, tranquilamente.

Cicerone 1 – De nós que não morreremos esta noite.

Cicerone 2 – Aquele homem que medita, é Creonte. [...] Entrega-se ao jogo difícil de conduzir a Pólis.

Cicerone 1 – Antes, no tempo de Édipo, quando ele era apenas a primeira personagem da corte, gostava de música, de belas pinturas e de longas visitas aos antiquários.

Cicerone 2 – Mas Édipo e os seus filhos morreram.

Cicerone 1 – Creonte deixou os seus livros, os seus objetos de arte, arregaçou as mangas e ocupou o lugar.

Cicerone 2 – Algumas vezes, pela noite, sente-se cansado e pergunta a si próprio se não é vã a tarefa de conduzir a cidade.

O diálogo entre ambos é uma súplica do que conhecemos da versão de Sófocles e termina do modo espetável:

Antígona – Não vejo de que me envergonhe em ter prestado honras fúnebres a alguém que nasceu do mesmo ventre materno...

Creonte – Ah! Nunca! Nunca um inimigo me será querido, mesmo após a sua morte.

Antígona – Eu não nasci para odiar, mas sim para amar!

Creonte – Desce, pois, à sepultura!... Visto que queres amar, ama aos que lá encontras! Enquanto eu vivo for, nenhuma mulher me dará ordens!

²² Não vou tratar desta peça, dado que já foi alvo de um trabalho apresentado no CLASTEA IV, Clássicos en escena ayer y hoy (Universidade de Santiago de Compostela, 2018).



Fig. 1 – Antígona e Creonte, em *Passageiros do Sonho*. Foto cedida por Ana C. Oliveira.

Na cena seguinte, as duas atrizes que atuavam como Antígona e Creonte e os restantes atores comentam o que tinha acabado de ser representado:

Edgar – Que horror, para quê tanta intransigência?

Maria – Porque se não fosse trágico, não ficaria na história.

Jorge – Então como é que poderíamos mudar estes comportamentos?

Edgar – Tirar alguma da sede de poder ao Creonte? (Tira a capa ao Creonte e veste-lhe um colete)

Maria – Talvez Antígona não devesse ser tão obstinada.

Alexandra – Mas afinal, Creonte tem medo de quê?

Jorge – De perder o poder, de deixar de ser respeitado.

Joana (Antígona) – Claro, o erro de todos os ambiciosos!

Edgar – E de que tem medo Antígona?

Rita (Creonte) – De ceder ao poder!

Maria – E se Antígona tivesse algum medo, poderia ficar mais razoável. E menos obstinada.

Joana (Antígona) – Mas sem deixar de lutar pelas suas crenças. (Junta um pormenor cinzento)

Edgar – Vamos ver se a história se transformava?

Jorge – Não nos podemos esquecer que Antígona era a sobrinha de Creonte...

Joana (Antígona) – E ia casar com o seu filho.

Alexandra – Vamos ver, então.

Tendo acordado a proposta de um final diferente, as atrizes retomam as personagens e o diálogo muda:

Antígona – Visto que já me tens presa, que mais queres tu, para além de minha morte?

Creonte – Poderei perdoar-te, se assim o mereceres.

Antígona – E por que razão o farias? Não tens medo de que os teus súbditos te desprezem?

Creonte – Os cidadãos honram um soberano que reconhece quando erra. Essa é também a sua força. Reconhecerei que errei. Não deveria ter negado as honras fúnebres ao teu irmão.

Antígona – Grande é o homem que reconhece o seu erro. Em ti corre o sangue misericordioso da minha mãe.

Creonte – E eu revejo em ti a sua coragem. Vai para junto do meu filho. A cidade não precisa de mais mortes. Precisa de vida.

Antígona – Eu não nasci para odiar, mas sim para amar!

Creonte – Vamos, celebremos as tuas bodas com o meu filho Hémon!

Cena VI

Edgar – Oh... era tão simples... Bastava controlar o medo que o Rei tinha de não ser respeitado...

Alexandra – O medo que transforma os reis em tiranos!

Jorge – E retirar à Antígona a obsessão de ser perfeita.

Joana – Sim, perigosamente obsessiva. Nem a sua paixão por Hémon a salvava...

Maria – E onde ficava a tragédia?

Joana (Antígona) – Não tinha de haver tragédia.

Rita (Creonte) – Hoje o público precisa de perceber que os grandes dirigentes são também homens que sabem perdoar.

2.2. Num registo de comédia

Ana C. Oliveira escreveu e encenou algumas comédias, das quais selecionei as que tinham mulheres como protagonistas: *Lisístrata*, de Aristófanes, apresentada em 2008 no Teatro Lethes, no âmbito da disciplina Oficina de Expressão Dramática; e um pequeno *sketch* de duas páginas intitulado *Uma ardente saudade*, apresentado na Biblioteca Municipal de Faro, em 2015, cujas personagens são duas amigas: Calíope, a musa da poesia épica, e Perséfone, a rainha do mundo subterrâneo.

A escolha de *Lisístrata* para encenar aconteceu por Ana C. Oliveira considerar que os alunos mereciam “uma lufada de ar fresco”. Quando lhe perguntei como entenderam os adolescentes a questão central da peça de Aristófanes, esclareceu:

Na altura, estava-se num outro contexto político. Saddam Hussein ainda dominava a cena e eles facilmente transportaram aquilo para a realidade. E as guerras, infelizmente, tomam conta do nosso quotidiano. Assim, facilmente também transportaram e perceberam a dor daquelas mulheres, a dor de ficarem tanto tempo sem uma parte de si, sem os pais dos seus filhos, sem os amores das suas vidas que partem, muitas vezes, para guerras sem sentido, e perceberam o estratagema utilizado para mudar o curso dos acontecimentos.

Uma ardente saudade foi escrita com um nível de língua coloquial, com algum calão e gíria juvenil. Trata-se de um diálogo entre Calíope e Perséfone (carinhosamente tratada por Sef e ambas apresentadas como quase adolescentes), no qual abordam questões como as relações entre mães e filhas e a falta de comunicação entre elas. Perséfone revela que, afinal, o rapto foi uma farsa:

Perséfone – Estava tudo muito bem combinado com o *man* das profundezas. Eu fingia-me distraída e ele envolvia-me nos seus braços, levando-me para as profundezas dos infernos.

Calíope – E a tua mãe acreditou nessa história... de facto, as mães acreditam no que querem acreditar.

Perséfone – Porque é que ela me sufoca tanto? Ai, odeio a Primavera!

Perséfone explica como o mundo dos mortos é interessante e divertido, mas Calíope força a reflexão:

Calíope – Mas há assim tanto para fazer? Nunca te aborreces?

Perséfone – Nunca me aborreço porque está cheio de gente fantástica! Lá ao menos fala-se sobre a vida, sobre a morte, com conhecimento de causa. Altas conversas, nem te passa. Os filósofos estão lá todos caídos. Não é como aqui...

Calíope – Ah... obrigada!

Perséfone – Deixa-te disso! Sabes que toda esta natureza em ebulição me cansa! As florzinhas, os passarinhos... Que fastio! Oh, que saudades do meu *king*... As voltas que eu estaria agora a dar no labirinto!...

Calíope – E não tens saudades da tua mãe?

Perséfone – Depois da chantagem que ela me fez?! Se não me vens visitar de seis em seis meses, deixo a humanidade morrer à fome! Mas quem é que ela pensa que é?

Calíope – É só a cota mais influente por aqui...

Perséfone – E tu ainda a defendes? E o que é que eu sou nas mãos dela? Um fantoche? E o que eu quero? Não conta? Ela sempre achou o Hades um gajo estranho, com conversas estranhas, sobre gente morta, a dar para a depressão... mas porra, é a minha vida! O que é que ela tinha de andar a fazer negociatas com o meu pai? Ficámos sem alternativa! E as saudades que eu já tenho do meu *king*... e ainda nem passou um dia!

3. DoisMaisUm

Neste grupo de teatro que fundou com António Gambóias, Ana C. Oliveira convida outros atores e atrizes para contracenarem nas peças por eles criadas. Apesar de não ser teatro escolar, os convidados e as convidadas são jovens que se iniciaram no teatro pela mão dos dois professores-atores, no Tapete Mágico. Foi o caso das três peças que vou abordar sumariamente, *Alice deste lado do espelho*, *Regresso ao Branco* e *Ecos Refeitos*, porque a Antígona entra como personagem. Estas três peças têm ainda em comum a característica de terem sido criadas no âmbito do Programa DiVaM (Dinamização e Valorização dos Monumentos) da

Direção Regional de Cultura do Algarve,²³ que, a cada ano com um tema diferente, desafiava os agentes culturais da região a apresentarem os seus espetáculos no património classificado.

Em 2015, Ana C. Oliveira assinou *Alice deste lado do espelho (O milagre da Virgem Negra)*, estreado na Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe²⁴, a 25 de setembro daquele ano, com Catarina Silva no papel de Alice, e Henrique Prudêncio no de Leonardo.

Na nota introdutória, a autora escreve:

O espectáculo conta uma história de amor. E como todas as histórias de amor, por vezes uma das metades vai até ao fundo do inferno procurar a outra metade para a salvar. Esta é a história de Alice e Leonardo, dois jovens actores que percorrem os labirintos da loucura, salvos pelo exemplo da Virgem de Guadalupe: despojada e simples. Qual é a distância de uma atriz às personagens que interpreta? Esta foi a questão de base que despoletou a criação do texto que suporta este projecto. A dificuldade que muitos actores manifestam ao libertarem-se das suas personagens torna-se, por vezes, um fardo pesado difícil de gerir. [...] Este espectáculo é uma odisseia pela fuga que Alice faz através das heroínas trágicas que interpretou. Mas é sobretudo uma homenagem à tenacidade de um jovem apaixonado que segue a sua jovem esposa pelos labirintos da loucura, mergulhando com ela na Antígona, em Cassandra, em Ofélia, para a libertar, entregando-a a si própria: Alice deste lado da realidade.

Na entrevista, Ana C. Oliveira explica que não considera saudável uma atriz incorporar personagens na sua vida (neste caso, Cassandra, Antígona, Electra, Ofélia e Nina) e que

ela tinha de se libertar. Lá no texto, ela ficava com coisas das personagens: ficava com uma pulseira, ou com um anel, ficava com coisas que lhe lembrassem, porque foram muito fortes essas vivências. Então, o companheiro, que a seguia sempre até ao inferno da loucura, obrigou-a, no fundo, a despojar-se, e ela, por fim, oferece em sacrifício à Virgem Negra [de Guadalupe], os objetos que, simbolicamente, retira de si. Daí o nome da peça: *Alice deste lado do espelho*, isto é, ela teve de se olhar ao espelho e deixar de ver as personagens e ver apenas quem ela era.

Os textos referentes à antiguidade são os mesmos da peça de 2009, *De que falamos quando falamos de Amor?*, mas com observações metateatrais, como quando Alice, depois de encarnar Antígona, diz a Leonardo:

Alice – Amor! Estava a sonhar! Estava a sonhar contigo. Tu eras Hémon...
Leonardo – E tu Antígona. Eu sei... Mas desta vez eu ia ter contigo à tua sepultura.

²³ Extinta, com as restantes direções regionais de cultura do país, a 31 de dezembro de 2023. Era um organismo desconcentrado do Ministério da Cultura que tutelava três monumentos nacionais: Fortaleza de Sagres, Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe e Ruínas Romanas de Milreu. O PAACA – Programa de Apoio aos Agentes Culturais do Algarve incluía o DiVaM, que estava direcionado para propostas de programação específica para aqueles monumentos.

²⁴ Freguesia da Raposeira, Concelho de Vila do Bispo.

Alice – Ah! A versão da Maria Zambrano! Sempre gostei dessa visão. A Antígona no fim a sair da tumba purificada... (...)

Perto do final, Alice declara: “Com Sófocles não há esperança. Os heróis morrem mesmo fazendo actos valorosos.”

Cerca de um ano depois da sua estreia, o espetáculo foi apresentado a 9 de novembro de 2016, no Museu Municipal de Faro, a alunos universitários de 1.º ano (com idades de 17 e 18 anos), no âmbito da disciplina de Matrizes Culturais Europeias.²⁵ Pela proximidade das idades entre estes estudantes e os que fazem parte do Tapete Mágico, partilho três comentários que atestam como as temáticas que interessam aos jovens se mantêm, mesmo com a mudança do nível de ensino e com a aproximação de uma vida adulta: como lidar com as várias “personagens” que vamos criando na nossa vida, para lidar com situações diferentes; a necessidade de valorizar quem somos e não o que temos; a necessidade de nos afastarmos de toxicidades, seja no trabalho, seja na vida amorosa, de forma a aproveitarmos a vida.

Com esta peça, podemos melhor compreender as dificuldades reais do que é ser uma atriz ou um ator. Estes termos não se prendem apenas com uma profissão/hobbie de encenação. No nosso dia-a-dia também há situações que nos obrigam a modificar a nossa atitude, e, por vezes, é difícil voltarmos a sentirmo-nos como antes ou mesmo sermos como éramos. Pois, ao contrário da personagem principal, na nossa vida, os elementos misturam-se e nem sempre os sabemos identificar e retirar de modo a que a “personagem” saia (...). Concluindo, podemos afirmar que nas nossas vidas, tal como no teatro, temos e passamos por personagens, das quais temos dificuldade em libertarmo-nos, e que nos tornam um pouco loucas por vezes, outras vezes não, mas a nossa personalidade vai-se moldando com elas. (A.P.)²⁶

Acho que esta peça nos dá também um grande ensinamento, que temos que dar valor àquilo que somos e não àquilo que possuímos. (APM)

Numa visão mais pessoal, não só achei que foi um bom enriquecimento do conhecimento para a disciplina, mas também achei que a peça carregava lições valiosas para o nosso dia a dia. Em primeiro lugar, a capacidade de nos conseguirmos distanciar de certas coisas que podem afetar a nossa vida. [...]. Na vida, temos de ser capazes de nos desligarmos da nossa carreira ou até mesmo de pessoas prejudiciais, ou podemos correr o risco de perder a nossa vida como a conhecemos, e pior, perdermo-nos a nós próprios. Em segundo lugar, o facto de nos conhecermos a nós próprios é essencial. Numa sociedade tão corrupta e ignorante como a nossa, é bom sabermos quem somos, não deixarmos que os outros ditem a nossa vida, e sabermos impor a nossa opinião mesmo que não concordem com ela. [...] Por outro lado, existe a ideia de valorizar e lutar pelo amor. [...] Nos nossos dias, o amor é algo banal e passageiro, uma forma de passar o tempo. [...] Finalmente, e não menos importante, o despojamento. Na nossa sociedade, dá-se uma tremenda

²⁵ Da licenciatura então denominada Línguas e Comunicação, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.

²⁶ Apesar de os alunos terem autorizado a utilização dos seus trabalhos, identifiquei-os apenas pelas iniciais.

importância aos bens materiais, muitas vezes dominando também a nossa vida. Em muitos casos, é-se dada mais importância aos bens materiais do que às pessoas e às relações. Essa ganância é muitas vezes a ruína dessas pessoas. A solução para o problema de Alice foi abandonar tudo o que representava as personagens, e assim livrou-se da prisão em que se encontrava. Assim sendo, ganhou algo muito mais precioso, poder aproveitar a sua vida. E o mesmo se passa nos nossos dias. Se passarmos menos tempo preocupados com coisas, podíamos apreciar a beleza que nos rodeia, e morrer com uma vida realmente recheada de alegria. (I.A.)

Em 2017, DoisMaisUm apresenta *Regresso ao Branco* nas Ruínas Romanas de Milreu, em Faro. Nesta peça, cinco personagens femininas do mundo antigo assistem à miséria humana, falam entre si e com o Coro, e concluem que a solução é cumprir os ideais da civilização ocidental (como a justiça ou a sabedoria), regressando a uma pureza original. Mesmo sem todas serem nomeadas, subentende-se Perséfone, Eurídice, Antígona, Hipácia, Ifigénia. A peça (muito curta, de 4 páginas) apresenta novas interpretações sobre a morte precoce de cada uma delas e as relações com os homens.

Em 2023, Ana C. Oliveira escreve, com António Gambóias, *Ecos Refeitos*, espetáculo igualmente inserido no programa DiVaM, com apresentação única nas Ruínas Romanas de Milreu.

Partindo do mesmo texto apresentado pelo Tapete Mágico, em *Passageiros do Sonho* (de 2021, com Coro/Cicerones, Antígona e Creonte), Ana C. Oliveira adapta-o ao espaço específico das ruínas e ao tema que o DiVaM tinha proposto para aquele ano (“Patrimónios (des)confortáveis”). Intercalado com momentos musicais, a apresentação das personagens (antes, pelos Cicerones, que agora têm as falas agrupadas num Corifeu) e o diálogo entre Antígona e Creonte surgem entre a declamação de dois poemas (“Carta de Orfeu a Eurídice, de Nuno Júdice, e “Nem menos, nem mais”, de Mahmoud Darwish). Para a intervenção final, entra em cena uma personagem mais madura (interpretada pela própria Ana C. Oliveira) que condensa o propósito da peça, o de dar resposta às diferenças que causam tantos conflitos: “Já não sou Antígona, nem Ifigénia, nem Eurídice... E sou todas elas, aqui e agora. [...] Olhem bem para elas... falam tantas línguas... tocam-nos com tantos sentimentos... dizem-nos tanto... se as soubermos escutar.”

4. Conclusão

Várias são as personagens da antiguidade com as quais os adolescentes conseguem criar conexões e que permitem aos professores promover reflexões – e atitudes – sobre o mundo contemporâneo, como se pôde verificar no caso em estudo. Um dos objetivos da criação do Tapete Mágico foi o de, e cito, “Mais do que ensinar técnicas de representação, o importante é levar os alunos a descobrirem-se enquanto cidadãos conscientes e críticos. Por isso, o trabalho de improviso perante situações socialmente desconfortáveis, é muitas vezes crucial para a tomada de consciência de algumas injustiças sociais.” (Oliveira, 2011, p. 14).

Ficou evidente como as personagens da antiguidade proporcionam momentos de reflexão sobre temas que preocupam os adolescentes. Ana C. Oliveira explica que o grupo promove que cada um se interroge como e onde, hoje, veem

a Antígona, a Cassandra, etc. A partir dessas análises, em grupo ou individualmente, constroem as personagens a partir de si próprios: eu, como Hémon, eu como Antígona, etc. É pois, através das emoções que estas personagens ainda provocam, que temas que os preocupam (tanto alunos como professores) podem ser abordados, tais como:

- violência no namoro ou o isolamento social – Cassandra, aquela em que ninguém acredita, que se sente sozinha e abandonada; Perséfone, que foi raptada;
- mães e filhas, pais e filhos – o exemplo da comédia com Perséfone, que parte do mito para recriar uma outra forma de relacionamento entre mãe e filha; ou na relação entre Hémon e Creonte (onde o filho confronta o pai e posiciona-se contra as suas atitudes);
- sexualidade: todas elas, mas pode-se destacar o potencial de Lisístrata, Eurídice e Perséfone;
- relações entre irmãos – pode ser explorada a de Antígona com Ismena ou de Eletra com Orestes.
- amores infelizes – Antígona e Hémon; Eurídice e Orfeu;
- o poder intransigente – Creonte.

Os alunos têm a noção do funcionamento do poder político e consciência do papel das mulheres numa mudança. Naquela que Ana C. Oliveira considera a sua *Antígona* favorita, como atrás referido,²⁷ quando Antígona discute com Ismena sobre a lei injusta de Creonte, afirma: “A lei foi escrita por um homem. Pode ser apagada por uma mulher”.

Numa época em que muitos jovens se sentem perdidos, que não têm um futuro seguro, em que aumenta o número dos que afirmam que não querem vir a ter filhos,²⁸ os textos da antiguidade e as suas diversas versões contemporâneas proporcionam pontos de reflexão, de questionamento (no caso em estudo, percebe-se uma intenção moralizante – mas não moralista –, confirmada pela autora), projetando um porvir que não está necessariamente perdido. Pela nossa ação individual e em grupo, o amanhã pode ser mudado, principalmente pelos mais jovens.

Referências bibliográficas

- Azevedo, M. T. S. (1991) *Platão. O Banquete* (Introdução, tradução e notas). Lisboa: Edições 70.
- Estudo Nacional sobre Violência no Namoro 2024. Disponível em: https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2024/02/INFO_ARTHEMIS_UMAR_2024_v002_compressed.pdf
- Jung, C. G. (1915). *The Theory of Psychoanalysis*. New York: Nervous and Mental Disease Publishing Co.
- Lima, T. T. (2021). *Programas de Filosofia e Conceção de Filosofia no Ensino Secundário em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário. Porto: Universidade do Porto

²⁷ Dramaturgia que fez para o Curso Profissional de Artes do Espectáculo, em 2006.

²⁸ Um estudo da OCDE revela que a insegurança criada por fatores como a crise climática ou o custo de vida são razões para os jovens adultos não quererem ou adiarem ter filhos. Cf. *Society at a Glance 2024*.

- Morais, C. (2020) *António Sérgio. Antígona(s). Quatro variações sobre um mito* (Edição crítica, estudo e notas). Lisboa: Âncora Editora.
- Nogueira, L. M. (2008). *A filosofia no espaço escolar*. Tese de Doutoramento em Filosofia – Ensino da Filosofia. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Oliveira, A. C. (2004). *Construção de uma didáctica da Filosofia mediante uma estética teatral: uma estratégia com vista à Educação para a Cidadania*. Dissertação de Mestrado em Educação Artística – Variante Teatro e Educação. Faro: Universidade do Algarve.
- Oliveira, A. C. (2011). *15 anos a voar nas emoções*. Faro: Escola Secundária Pinheiro e Rosa.
- Pulquério, M. O. (1998). *Ésquilo. Oresteia*. Introdução, tradução do grego e notas. Lisboa: Edições 70.
- Santiago Bolaños, M. (2019). Introducción. *La tumba de Antígona, alegato contra la barbárie*. In Zambrano, M., 2023, *La tumba de Antígona* (pp. 9-18). Madrid: Alianza Editorial.
- Society at a Glance 2024: OECD Social Indicators. Disponível em https://www.oecd.org/en/publications/2024/06/society-at-a-glance-2024_08001b73.html

Resumo

Neste artigo, procuro responder a algumas perguntas que me foram suscitadas pelo trabalho que Ana Cristina Oliveira (professora de Filosofia, dramaturga, encenadora e atriz) tem vindo a desenvolver no grupo de teatro escolar, por si fundado, Tapete Mágico, no que respeita à escolha das personagens femininas da antiguidade nas peças que escreve para – e com – os alunos. Pretendo perceber qual a receção que a antiguidade tem entre os mais jovens, como se podem relacionar as temáticas de peças de tragediógrafos gregos com as preocupações da juventude atual; e qual a atualidade dessas questões e que outras interrogações levantam.

Abstract

In this paper, I aim to answer some questions that were raised by the work of Ana Cristina Oliveira, a philosophy teacher, playwright, director, and actress, in the school theater group she founded, Tapete Mágico (Magic Carpet), particularly regarding her choice of female characters from antiquity in the plays she writes for – and with – the students. I intend to understand how antiquity is received by young people, how the themes of Greek tragedians' plays can relate to the concerns of today's youth, and the relevance of these issues and the new questions they raise²⁹.

²⁹ Este estudo foi financiado com Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00196/2025 e UIDP/00196/2025.

